

SELEÇÃO DE PARCEIROS EM HUMANOS

David M. Buss, American Scientist, V.73, 1985

Às vezes se diz que os opostos se atraem, mas de fato temos mais chance de nos casarmos com alguém que é semelhante a nós em quase todas as variáveis.

Historicamente os sistemas de acasalamento humano tem se desviado da randomicidade de quase todas as maneiras imagináveis. Variações principais incluem a poliginia, onde homens possuem múltiplas esposas; poliandria, onde mulheres tomam múltiplos homens; endogamia, onde parentes próximos se acasalam; exogamia, onde o acasalamento com parentes genéticos é evitado; e a hipergamia, que normalmente acompanha a poliginia, onde as mulheres ascendem a hierarquia sócioeconômica pelo casamento. Um desvio da randomicidade que ainda não foi confiavelmente demonstrado é a tendência de opostos se casarem ou acasalarem. Pelo contrário, o acasalamento seletivo, que pode ser definido como o acasalamento de indivíduos com base na semelhança entre eles em uma ou mais características, é o desvio mais comum da randomicidade encontrado nas sociedades ocidentais.

O “quem se acasala com quem” tem sido assunto de intenso interesse entre cientista, abrangendo desde biólogos e geneticistas até psicólogos e sociólogos. Parte intrigante do padrão humano de acasalamento está na abrangência de seu impacto, que transcende limites. Sociólogos estudam seleção de parceiros porque mais de 90% de todas as pessoas se casam em algum ponto de suas vidas (Price e Vandenberg), e esses casamentos afetam tendências sociais como a distribuição de riqueza. Historiadores culturais estão interessados nisso porque instituições, como as universidades, promovem o acasalamento seletivo colocando indivíduos de idades semelhantes em proximidade. Psicólogos sociais têm a muito se preocupado com a atração, que usualmente é um pré-requisito para o acasalamento; psicólogos da personalidade trabalham com disposições persistentes dos indivíduos que freqüentemente afetam a escolha do parceiro. Os biólogos enfocam as mudanças evolutivas produzidas pelos padrões reprodutivos e os geneticistas comportamentais se interessam pelo acasalamento seletivo porque pode afetar as estimativas de hereditariedade, criando correlações entre traços inicialmente independentes (p.ex., entre inteligência e atratividade física), aumentando a variância genética em gerações subseqüentes e as correlações entre parentes biológicos naqueles traços sobre os quais ocorre o acasalamento seletivo.

O acasalamento seletivo tem sido examinado com respeito a uma grande variedade de variáveis, incluindo características físicas, idade, origem étnica, religião, posição sócioeconômica, variáveis intelectuais e cognitivas, traços de personalidade e atitudes sociais. Em geral, a tendência para escolher alguém semelhante a si mesmo como parceiro é tão forte que Thiessen (1979) prefere o termo "narcisismo seletivo". De fato, acasalamento seletivo negativo em populações nunca tem sido confiavelmente demonstrado, com uma exceção: o sexo. Essa sessão resume os achados empíricos principais relativos ao acasalamento seletivo humano, com ênfase especial nos dados recentes. A sessão seguinte discute um mecanismo causal que pode explicar parcialmente os padrões existentes de seleção, e a sessão final focaliza várias conseqüências importantes do acasalamento seletivo nas populações humanas.

A idade é provavelmente a variável onde existe mais semelhança entre os parceiros. Correlações entre esposos na idade tipicamente estão entre 0.7 e 0.9, com média de 0.8; nesse contexto, um número maior que 0.5 já é um alto grau de correlação. Deve ser notado, no entanto, que casais mais jovens tendem a se assemelhar mais em idade do que casais mais velhos, o que mostra uma diferença maior de idade entre membros de um segundo casamento (Secord 1983). Maridos e mulheres são tão parecidos no tocante a raça, religião, origem étnica e status sócioeconômico. Por exemplo, Burgess e Wallin (1953) achou que 79.4% de casais de uma amostra se casaram com alguém da mesma religião, enquanto somente 37.1% seria a congruência esperada ao acaso. Níveis semelhantes de seletividade tem sido encontrados em dados recentes (Buss 1984b). Warren (1966) relatou correlações de aproximadamente 0.6 para nível educacional, 0.3 para nível sócioeconômico e 0.2 para o número de irmãos que cada esposo tinha. Controlando o nível educacional reduziu a correlação para status sócioeconômico mas permaneceu significativo.

Localidade, outra variável sujeita a um alto grau de seletividade marital, possui dois componentes: vizinhança e região geográfica (Vandenberg 1972). Hollingshead (1950) relatou um coeficiente de contingência de 0.71 entre esposos para classe social da vizinhança onde viviam antes do casamento. Geograficamente, Spuhler e Clark (1961) encontraram que a distância média entre o local de nascimento do marido e da esposa e do local onde se casaram era somente de 177 Km. Deixando as concepções de "amor romântico", o "único amor da sua vida" vive logo ali. Naturalmente, é mais fácil se tornar íntimo de alguém que está próximo. Essas medidas de propinquidade, é claro, estão relacionadas com outras variáveis como o status sócioeconômico. Por exemplo, considerações econômicas afetam onde se vive. Correlações entre variáveis ilustram a complexidade da escolha de um parceiro e a dificuldade de se separar as variáveis causais das concomitantes no processo seletivo.

Spuhler (1968) resumiu estudos sobre a seletividade de uma variedade de características físicas, abrangendo de altura, peso e cor dos olhos até traços menos óbvios como volume pulmonar, largura do nariz e comprimento do lobo da orelha. Coeficientes de seletividade para essas características tipicamente tiveram médias entre 0.1 e 0.2, sendo comuns números altos como 0.3 e 0.4. As pessoas provavelmente não selecionam seus parceiros com base na largura do nariz ou comprimento do lobo da orelha, mas a seleção de outras variáveis como a altura ou raça causarão seletividade secundária nas características que covariam com essas.

Além dessas características físicas específicas os esposos parecem se selecionar com base na atratividade física em geral. Um estudo antigo de Shooley (1936), por exemplo, encontrou uma correlação entre esposos de 0.41 para aparência física. Como a atratividade física varia com a idade, estudos mais recentes tem controlado essa variável; este estudo também tem mostrado correlações positivas. Por exemplo, Price e Vandenberg (1979) descobriram correlações de 0.3 e 0.25 em duas amostras de casais.

Dentre as características psicológicas, atitudes, opiniões e visão do mundo tem os maiores índices de seletividade. Estudos antigos tem mostraram uma correlação forte entre os casais em suas opiniões em tópicos sobre guerra, controle da natalidade e assuntos políticos contemporâneos (ver Richardson 1939). Mais recentemente, Hill e col. (1976) acharam uma correlação de 0.5 para opiniões sobre papéis sexuais, e eu encontrei correlações de 0.37 a 0.5 para atitudes sobre crescimento tecnológico, objetivos sociais etc. (Buss, não publicado).

Seletividade marital sobre as habilidades cognitivas é moderadamente consistente em um largo número de estudos. Jensen (1978) computou uma correlação média de 0.44 para sua pesquisa. Estudos recentes, no entanto, tem sugerido que as correlações entre esposos nas habilidades mentais pode estar mais próximas a 0.35 (Johnson e col 1980). Correlações significativamente positivas são encontradas até mesmo quando se controla as variáveis status sócio-econômico e educação (Watkins e Meredith 1981; Zonderman e col 1977).

Então, esposos(as) parecem ser moderadamente seletivos da habilidade cognitiva e não existe nenhuma evidência de que isso seja resultado de convergência fenotípica ao longo do casamento (Zonderman et al. 1977).

Estudos examinando o acasalamento seletivo em variáveis de personalidade tem tipicamente envolvido a avaliação dos sujeitos de si mesmo através de escalas ou inventários, com uma correlação baixa mas consistentemente positiva entre os esposos (aprox. 0.2). Mais recentemente examinei correlação para 16 traços de personalidade como dominância, extroversão e tendência a conflitos utilizando três fontes distintas de dados: auto-avaliação, avaliação dos sujeitos pelos esposos(as) e avaliação por parte de entrevistadores independentes (1984a). Os resultados de todas as fontes geralmente reforçou as baixas correlações positivas obtidas. Uma exceção interessante, no entanto, foi encontrada para dominância e submissão na avaliação dos esposos(as) e dos entrevistadores. Ambos mostraram uma correlação negativa entre os esposos(as). Possivelmente os esposos(as) e os entrevistadores avaliaram os maridos e mulheres comparando um com o outro ao invés de utilizarem outro grupo como referência, como os amigos p.ex. Outra explicação possível é que os esposos se tornam mais complementares em dominância/submissão ao longo do casamento a despeito de sua semelhança com o grupo de amigos. Finalmente, análises estatísticas mostraram que casais mais velhos tendem a se tornar mais dissemelhantes, sugerindo que não existe convergência fenotípica durante o casamento.

Outra pesquisa recente tem examinado correlações entre os membros dos casal na frequência com que realizam

atos específicos e classes de atos (Buss 1984b). Especificamente, foram computadas correlações para cada um de 800 atos de oito categorias de traços de personalidade retirados do modelo de Wiggins (1979) de interpretação do comportamento: dominância (um ato nessa categoria era "eu concentrei a conversação em torno de mim mesmo"), submissão (tipo "eu aceitei sofrer abuso verbal sem me defender"), tendência à discussão ("eu fiz comentários depreciativos sobre pessoas que passavam pelo local"), tendência à concordância ("ajudei um amigo a realizar uma tarefa difícil"), extroversão ("contei várias piadas na festa"), introversão ("fiquei em casa assistindo TV ao invés de falar com a pessoa"), calculismo ("fiz uma amizade para obter um favor") e ingenuidade ("contei um segredo para alguém que havia me traído antes"). Após o cômputo dos 25 atos mais prototípicos de cada categoria, os esposos mostraram uma correlação de 0.2 nas suas auto-avaliações e 0.31 com os relatos dos companheiros (Buss & Craik 1983, 1984). As categorias extroversão, tendência à discussão e ingenuidade mostraram correlações particularmente fortes entre os membros do par. Como no caso das variáveis de personalidade, os casais juntos por mais tempo eram menos semelhantes do que os que estavam juntos por menos tempo.

Em suma, existe uma hierarquia grosseira de características baseada no tamanho das correlações entre os membros do par. Em geral, idade, educação, raça, religião e origem étnica mostraram sofrer mais seletividade. Estas são seguidas de atitudes e opiniões (0.5) e habilidades mentais (0.4), status socio-econômico (0.3), altura, peso e cor dos olhos (0.25 a 0.3), número de irmãos (0.2) e outras características físicas (0.15). Os estudos específicos foram revistos em um artigo de Vandenberg (1972), Jensen (1978), e Thiessen e Gregg (1980).

Preferência na seleção de parceiros.

Preocupações evolutivas da seleção de parceiros vem desde Darwin (1871). Após completar sua Origem das espécies em 1859, Darwin observou que muitas diferenças sexuais de características, como a plumagem dos pavões, pareciam não ter valor para a sobrevivência do indivíduo e não pareciam fazer parte da seleção natural. Para explicar essas observações ele propôs o conceito de Seleção Sexual como um segundo processo que causava mudanças evolutivas. A Seleção Sexual, pensava Darwin, explicaria observações que não poderiam ser explicadas pela seleção natural.

O processo de Seleção sexual de Darwin presume dois processos relacionados. O primeiro, a seleção intrasexual, é a tendência de membros de um único sexo de competirem pelo acesso a membros do sexo oposto. O segundo, a seleção intersexual é a escolha preferencial expressa por certos membros do sexo oposto. Darwin, chamou a seleção intersexual de "escolha feminina" porque ele observou que no mundo animal as fêmeas tendem a ser mais seletivas dos parceiros do que os machos. Padrões de seleção sexual não envolvem adaptações ambientais e ecológicas imediatas. Ao invés disso, se preocupam primariamente com as interações comportamentais dos membros de uma espécie que não são necessariamente afetados pelas exigências dominantes no ambiente físico. Se as fêmeas preferem machos com certas características, as características preferidas nos machos aumentarão em representatividade nas gerações subsequentes.

Atualmente é reconhecido que a seleção sexual opera através do sucesso reprodutivo diferenciado (ver, por exemplo, Campbell 1972). A seleção natural inclui a seleção sexual. Existe um mecanismo evolutivo básico, não dois, e os processos próximos de mudança evolutiva reduzem a replicação diferencial de genes. No entanto, a seleção sexual descreve um processo central de reprodução diferencial de genes - um processo que pode ser mais relevante hoje entre os humanos do que a variabilidade em expectativa de vida ou fertilidade.

Existem três níveis de preferência na seleção sexual: aqueles compartilhados pela maioria dos indivíduos, aqueles que variam de acordo com o sexo e aqueles que variam entre os indivíduos. Cada nível de preferência tem conseqüências para a seleção de parceiros.

Características normalmente desejadas num parceiro infelizmente não são portadas por todos os potenciais esposos(as). Em um sistema relativamente monogâmico acontece de alguns indivíduos ter que se contentar com um parceiro(a) menos ideal. Além disso, se qualquer indivíduo tiver que ficar sem parceiro, provavelmente será aquele que tem menos características desejadas. Aqueles que possuem os traços valiosos tipicamente se casam com outros que também possuem características tão valiosas quanto, ou mais valiosas. Por exemplo, alguém que é confiável poderá se casar com

alguém que seja inteligente, num processo chamado seletividade cruzada de caráter (Buss e Barnes, não publicado). Os traços previamente não-correlacionados de confiabilidade e inteligência poderão covariar nos filhos de tal casamento.

Diferenças sexuais nos traços desejados no parceiro em potencial também poderão produzir seletividade cruzada de caráter. As fêmeas geralmente preferem machos inteligentes porque estes tipicamente tem poder aquisitivo e status mais elevado. Se a maioria dos machos preferem fêmeas fisicamente atraentes, ao longo do tempo essas duas características tenderão a covariar (Vandenberg 1972). De fato, um estudo longitudinal amplo mostrou que fêmeas atraentes fisicamente realmente tendem a se casar com machos de status socio-econômico mais elevado (Elder 1969). Seletividade cruzada baseada em diferenças sexuais na preferência continua sendo uma área importante e pouco explorada dos padrões de acasalamento humano. As diferenças sexuais específicas que ocorrem serão discutidas abaixo.

Nem todos os indivíduos valorizam as mesmas características em um potencial parceiro e essas diferenças também podem geral acasalamento seletivo. Thiessen e Gregg (Thiessen 1979, Thiessen e Gregg 1980) tem proposto que a tendência à procura de características fenotípicas que reflitam semelhança genética nos parceiros é uma estratégia reprodutiva que representa um consenso entre a endogamia e a exogamia. A seletividade positiva resulta em filhos aparentados aos pais em 50%, mais o número de genes que os pais tiverem em comum. Assim, a reprodução genética do indivíduo é aumentada pelo acasalamento com alguém que compartilha pelo menos alguns de seus genes. Se o argumento de Thiessen estiver correto, os indivíduos diferirão nas suas preferências, buscando nos parceiros aquelas características que eles mesmos possuem.

No estabelecimento de ligações entre preferências seletivas e narcisismo seletivo, Thiessen e Gregg (1980) identificaram uma falha importante no nosso conhecimento atual: nossa falta de habilidade de localizar exatamente quais traços os parceiros em potencial consideram importante. Uma série recente de estudos utilizando várias amostras de indivíduos, alguns com parceiros e outros sem, foram realizados para preencher essa falha (Buss e Barnes, não publicado). No primeiro estudo pedimos a 93 casais que avaliassem a "desejabilidade" de 76 traços no parceiro em potencial e identificamos quais traços eram mais comumente desejados, aqueles que refletiam diferenças sexuais na preferência e aqueles que resultavam de preferência individual.

As 15 características que receberam os maiores valores de "desejabilidade" para a amostra toda foram, em ordem: o fornecimento de boa companhia, honestidade, consideração, ter uma posição social boa, afeto, confiabilidade, inteligência, bondade, compreensão, ser interessante de se conversar, lealdade, fidelidade, bom senso de humor, adaptabilidade e gentileza. As análises estatísticas resultaram em 25 diferenças significativas entre os sexos quando somente 4 seriam esperados ao acaso. As fêmeas valorizaram a capacidade de renda, bons antecedentes familiares, status profissional, bondade, gentileza e consideração mais do que os machos.

Nós identificamos nove características compostas que refletiam preferências individuais, que utilizamos como base para estudos subseqüentes: bondade ou consideração, ser socialmente estimulante, ser aculturado ou inteligente, orientação religiosa, interesse na vida doméstica, status profissional, gosto por crianças, conservadorismo político e ser tranqüilo ou adaptável. A avaliação individual desses fatores se relacionavam substancialmente às características dos companheiros, sugerindo que sua preferência influenciou na sua escolha de parceiros.

Num segundo estudo, usando sujeitos de idades, estado civil, localidade geográfica e educação diferentes, examinamos a ordem dos fatores mais desejáveis do estudo anterior e testamos a generalidade das diferenças sexuais encontradas naquele estudo (Buss e Barnes, não publicado). Os sujeitos no segundo estudo atribuíram valores a 13 traços, do mais desejado ao menos desejado num parceiro em potencial.

A tabela 1 mostra como os machos e fêmeas no segundo estudo avaliaram essas características. Como o primeiro estudo, bondade e inteligência foram amplamente preferidos, enquanto ser um bom doméstico ou orientação religiosa não foram bem valorizados na amostra como um todo. As duas diferenças sexuais mais marcantes diziam respeito a atratividade física e boa condição financeira; essas diferenças ocorreram independente da idade, educação, localidade geográfica ou estado civil do sujeito, e replicaram as diferenças sexuais encontradas no primeiro estudo.

Será que os casais se acasalaram seletivamente com base nas características valorizadas nos parceiros? Para responder essa questão computamos as correlações entre os esposos para cada uma das 9 características compostas do estudo

anterior. Os resultados mostraram forte seletividade positiva para: orientação religiosa (0.65) e gosto por crianças (0.52); correlação positiva moderada para aculturação ou inteligência (0.39), ser socialmente estimulante (0.37), conservadorismo político (0.36) e ser tranquilo ou adaptável (0.35); e correlações baixas insignificantes para status profissional (0.22) e bondade ou consideração e interesse em vida doméstica (0.16 em ambos os casos). Então, os parceiros parecem ter preferências seletivas semelhantes mas a magnitude da semelhança varia grandemente de acordo com a características composta ou características considerada.

Quatro conclusões gerais podem ser tiradas desses estudos. Primeiro, pelo menos nos Estados Unidos, existe um consenso moderado a respeito dos traços preferidos nos parceiros em potencial (i.é., bondade e inteligência) e esse consenso transcende as diferenças de idade, educação, estado civil e localidade geográfica. Segundo, foram encontradas diferenças sexuais e essas diferenças também transcenderam variações dentro de cada amostra. Terceiro, indivíduos diferem nas suas preferências seletivas e sua seleção de parceiros é afetada por essas diferenças. Quarto, casais mostram seletividade positiva para preferências individuais.

Conseqüências do acasalamento positivo.

Uma discussão completa das conseqüências da seleção de parceiros certamente incluiria considerações como felicidade individual dos esposos, mudanças de personalidade ao longo do tempo como função da escolha de parceiros, da distribuição de renda na sociedade e mudanças genéticas em gerações subseqüentes. A presente discussão enfocará mais três conseqüências genéticas do acasalamento seletivo com base em características com alto grau de hereditariedade: aumento da variância genotípica, correlações entre traços que inicialmente não se correlacionavam e efeito na variância dentro e entre famílias.

Acasalamento seletivo com base em traços que mostram hereditariedade significativa não afetam a freqüência pela qual o gene ocorre, a não ser que a seletividade esteja ligada com a seleção. A média da população continua a mesma mas o acasalamento seletivo aumenta a freqüência de genótipos - combinações de genes - que produzem fenótipos extremos e diminui a freqüência dos genótipos que criam fenótipos médios. Ao todo, o efeito é o aumento na quantidade de variação dentro da população para o traço sobre qual ocorreu a seletividade. Então, usando a altura como exemplo desses traços, um percentual maior de indivíduos nas gerações subseqüentes serão um tanto mais altos ou mais baixos, enquanto um percentual menor será de altura média. Mesmo que o aumento de variância genotípica resultante da seletividade positiva seja pequena para muitas características, ela se acumula ao longo do tempo.

Os resultados do aumento da variância de certas características ainda não foram verificados empiricamente, mas várias conseqüências possíveis poderiam ter efeito significativo. Primeiro, para aqueles traços comumente preferidos nos parceiros, como a inteligência e atratividade física, haverá uma diferença crescente entre os indivíduos que os possui e os que não os possuem em gerações subseqüentes. Segundo, instituições da sociedade poderão se tornar crescentemente sobrecarregadas sendo necessárias modificações para acomodar o aumento de variância. Terceiro, as características selecionadas podem se tornar mais importantes na avaliação do indivíduo pois tal julgamento é freqüentemente baseado nas diferenças entre os indivíduos (Buss 1983). Quarto, um aumento na variância pode tornar mais fácil para o indivíduo em um dos extremos se casar com outro indivíduo também nos extremos, de forma que uma retroalimentação positiva seja estabelecida para o acasalamento seletivo (Allen 1970, Buss 1984).

Uma segunda conseqüência genética do acasalamento seletivo é a criação de novas correlações entre traços anteriormente não relacionados. Esse efeito ocorrerá mais fortemente em sistemas de acasalamento onde existe algum consenso sobre quais características são preferidas em um parceiro, e a escolha do parceiro baseada no "valor de mercado", ou, a soma da "desejabilidade" da pessoa em uma variedade de características. Se os membros de uma população concordam de algum modo sobre o que preferir nos esposos, como sugerem as evidências (Buss e Barnes, não publicado), e se o "valor de mercado" for calculado pela combinação de vários traços, então as diferenças entre os que possuem e os que não possuem os traços que podem ser combinados e se tornarão ainda maiores do que se o acasalamento seletivo operasse

independentemente sobre cada características desejável.

Um terceiro efeito importante do acasalamento seletivo é de que geralmente aumenta a correlação entre parentes biológicos naquelas características que são preferidas. Membros das famílias se tornam mais semelhantes, o que significa que se tornam mais homogêneas. Simultaneamente, diferenças entre famílias aumentam. Esses efeitos tem implicações para teorias sociológicas recentes baseadas na seleção por parentesco, altruísmo recíproco e nepotismo. Comunicação familiar e cooperação, por exemplo, poderão aumentar com o aumento da homogeneidade, porque os benefícios dos atos altruísticos e nepotísticos aumentariam enquanto as desvantagens decresceriam (Thiessen e Gregg 1980). Nesse sentido, o acasalamento seletivo promove a replicação dos genes dos indivíduos sem custos reprodutivos adicionais.

Devido ao fato das famílias fornecerem a maioria do ambiente precoce da criança, as desigualdades resultantes do aumento da variância fenotípica entre as famílias pode ser aumentada ainda mais pela correlação entre genótipo e ambiente (Plomin e col. 1977). Por exemplo, o traço extroversão pode se ligar aos ambientes onde os pais falam bastante. O acasalamento seletivo aumentará a magnitude desse tipo de correlação para as crianças, desde que significa que os pais são mais semelhantes ou em grande concordância naqueles atributos que afetam o ambiente que fornecem.

Pode ser esperado que o fortalecimento de tais correlações amplifique as semelhanças dentro de cada família e as diferenças entre famílias, aumentando a desigualdade entre os membros da população e as correlações entre traços socialmente desejáveis. Essas conseqüências esperadas dos padrões atuais de acasalamento são suficientemente importantes para sugerirem um exame empírico cuidadoso.

Qual a velocidade com que ocorrem essas conseqüências do acasalamento seletivo? A resposta depende da hereditariedade de cada traço e da intensidade da seletividade, e esses valores só podem ser grosseiramente estimados. Jensen (1978) hipotetizou que, se o presente nível de seletividade para inteligência tem existido por várias gerações, isso explicaria a existência de metade dos indivíduos vivos com QI acima de 130. Os efeitos gerais do acasalamento seletivo são provavelmente pequenos em uma única geração. Mas, pelo fato de se acumularem através das gerações, adquirem importância considerável a longo prazo.

Não existe evidência de que os padrões de seleção de parceiros nas sociedades ocidentais tem mudado substancialmente nos últimos 50 anos: níveis atuais de seletividade são comparáveis aos que ocorreram nos anos 20 e 30. No entanto, tendências modernas de aumento da mobilidade geográfica e igualdade de oportunidade podem aumentar a intensidade da seletividade tornando mais fácil a congregação de indivíduos semelhantes em idade de acasalamento.

Tabela 1.

Ordem	Caraterísticas preferida pelos homens	Caraterísticas preferida pelas mulheres
1	Bondade e compreensão	Bondade e compreensão
2	Inteligência	Inteligência
3 *	Beleza física	Personalidade excitante
4	Personalidade excitante	Boa saúde
5	Boa saúde	Adaptabilidade
6	Adaptabilidade	* Beleza física
7	Criatividade	Criatividade
8	Desejo de filhos	* Bom poder aquisitivo
9	Nível universitário	Nível universitário
10	Boa hereditariedade	Desejo de filhos
11 *	Bom poder aquisitivo	Boa hereditariedade
12	Boa doméstica	Bom doméstico
13	Orientação religiosa	Orientação religiosa

* - Diferenças significativas entre os sexos ao nível $p=0.001$ (n=162).